

BATESON, Gregory. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 2008. 384 p.

Tradução: Magda Lopes

Juliana Affonso Gomes COELHO

Esta resenha trata da edição recém-traduzida para o português do primeiro livro de Gregory Bateson (1904-1980), publicado inicialmente em 1936 e que passou a dispor de novo epílogo após a sua republicação em 1958. A tradução e publicação dessa obra, ainda que tardiamente, foi uma iniciativa editorial que merece ser parabenizada, pois permite a expansão do público leitor de uma produção ao mesmo tempo clássica e visionária. *Naven* oferece-nos argumentos de uma atualidade marcante; e merece ser lido por aqueles que não tinham acesso ao trabalho em inglês. É preciso ressaltar que essa edição ainda nos premia com uma excelente apresentação, escrita por Amir Geiger.

Zoólogo inglês formado em Cambridge, Bateson, após um fortuito encontro com Alfred Cort Haddon, decidiu embrenhar-se no *métier* antropológico. Formado no interior da Escola Funcionalista por antropólogos como Malinowski, Radcliffe-Brown e o próprio Haddon, o autor problematizou os paradigmas metodológicos e epistemológicos da antropologia vigente na época e acabou por tornar-se um precursor de idéias contemporâneas.

Trata-se de uma obra ensaística e experimental, na qual o autor descreveu o comportamento do povo Iatmul sem, entretanto, furtar-se à observação de si próprio. Bateson cruzou, ao longo do texto, aspectos descritivos com aspectos metodológicos, epistemológicos e estruturais, a partir de uma mobilidade de enquadramentos. Também articulou o local e o global, a descrição analítica e a reflexão interpretativa, além de colocar em evidência uma antropologia que estaria a meio caminho entre a ciência e a arte.

O propósito do livro, segundo Bateson, é o de sugerir métodos de se pensar os problemas antropológicos a partir de cinco pontos de vista relevantes para o estudo do comportamento dos seres humanos em sociedade, quais sejam: estrutural e eidológico, emocional e etológico, econômico, desenvolvimental e sociológico. Estrutura foi

entendida pelo autor como um sistema coerente de pressupostos e premissas logicamente esperadas (p. 99); *eidós* foi entendido como a expressão dos aspectos cognitivos padronizados dos indivíduos (p. 261) e *ethos* referia-se à expressão dos aspectos afetivos padronizados dos indivíduos (p. 95-96). Segundo ele, esses diferentes aspectos eram enfatizados em graus variados, em diferentes culturas, e havia diferenças profundas na personalidade, conforme um ou outro desses aspectos do comportamento fosse o mais consciente (p. 285-286). Todavia, no livro, ele não trabalhou com os pontos de vista econômico e desenvolvimental (p. 297-298).

Naven foi fruto da etnografia realizada entre os Iatmul, na Nova Guiné, e do encontro teórico entre o formalismo da escola funcionalista britânica e o psicologismo da escola de cultura e personalidade norte-americana, com a qual estabeleceu contato por meio de Margareth Mead (com quem veio a se casar) e Reo Fortune, bem como pela obra *Patterns of Culture*, de Ruth Benedict. As novas categorias teóricas que Bateson propôs foram erigidas, inicialmente, a partir do confronto entre os seus dados etnográficos e as teorias desenvolvidas pelas duas escolas antropológicas supracitadas. No início do livro, o autor afirmou que estava aliando ao método analítico-funcional, técnicas impressionistas para fazer emergir o tom emocional de uma cultura. De acordo com o autor, Naven foi um estudo sobre a natureza da explicação; o livro contém detalhes sobre a vida e a cultura Iatmul, mas não é, primordialmente, um estudo etnográfico (p. 312).

Desse modo, o autor criticou o conceito de função em voga, ao percorrer saberes outros como a matemática, a lógica, a biologia, a poesia, etc. Foi nessa multiplicidade de pontos de vista que ele pareceu encontrar a saída para os problemas que levantou. A complexidade de Naven está no acúmulo das perspectivas e no encontro e desencontro de diversos saberes; está nas conexões possíveis e não rotineiras, nos vínculos e nas aberturas, bem como em sua resistência expressa à consolidação de uma única teoria. Para ele, antes de trabalhar com a função ou o significado de um ato, era preciso realizar um estudo do estilo, da forma das relações nele implicadas; pois, assim como para Lévi-Strauss, as relações são mais importantes do que as coisas relacionadas (p.38).

Bateson fez o trabalho de campo clássico – foi para a Nova Guiné, e passou quinze meses entre os Iatmul, acompanhando sua vida cotidiana. Em seguida, procurou estruturar a “lógica interna da vida social Iatmul” (p.24). Entretanto, diferentemente de seus mestres, o autor não escolheu apenas descrever o transcurso natural da vida Iatmul do ponto de vista dos “nativos”, mas fazer uma composição mesclada e heterogênea de

pequenos retratos compostos por dados etnográficos vistos sob pontos de vista diferentes: sociológicos, etológicos e estruturais. O autor fez com que dados e teorias dialogassem, mesmo que essa comunicação apresente, por vezes, alguns ruídos não muito coerentes.

Naven retrata um ritual Iatmul homônimo, no qual, em ocasiões especiais, os homens se vestem de mulher, e vice-versa. Trata-se de um ritual relativamente simples, tanto por sua forma, quanto por seus personagens, e o que chama a atenção é a questão do travestismo. O *naven* é um ritual de celebração de “feitos notáveis” realizados por um jovem pela primeira vez, seja uma ação cotidiana ou extraordinária. A forma mais acabada dessa encenação era a que celebrava o homicídio e a decapitação – costume extinto após a colonização.

Nessas ocasiões especiais, o tio materno (*wau*) vestia-se como mulher e, mais do que isso, usava os trajes mais imundos da viúva, visando à criação de um estado de decrepitude, e saía pela aldeia como um bufão, coxeando e apoiando-se em uma bengala, assumindo comportamentos que demonstrassem sua inferioridade perante o sobrinho (*laua*) ou, mais raramente, a sobrinha. Do contrário, as mulheres (irmã do pai – *iau*, irmã – *nyanggai*, esposa do irmão mais velho - *tshaiishi*) se vestiam com o melhor traje masculino. A atitude do *wau* de esfregar as nádegas na canela no *laua*, caso o encontrasse na aldeia durante a sua performance, era uma parte do *naven* especificamente dedicada ao menino. Esse ato humilhante tinha como objetivo fazer com que o *laua* o presentearse com objetos de valor, reforçando uma aliança. Aqui estão implícitas uma série de comportamentos e atitudes relativas aos lugares classificatórios, especialmente no parentesco.

A situação do *naven* pode ser resumida da seguinte forma: quando uma criança realizava alguma façanha notável, seus parentes deveriam expressar, de maneira pública, sua alegria pelo acontecimento. Essa situação era estranha em contextos normais da vida dos dois sexos. Para os homens, regozijar-se dos feitos de outra pessoa era algo fora da norma de seu comportamento. Para as mulheres, a posição era inversa; sua vida cooperativa ensinou-as a expressar espontaneamente alegria e tristeza desinteressadas, mas não as ensinou a assumir um papel público espetacular. Assim, o *naven* continha dois componentes: o elemento de exibição pública – que, normalmente, seria uma característica do *ethos* masculino, sofreria uma inversão ao ser atuado pelas mulheres, enquanto o elemento de emoção pessoal pelo feito de outrem – que,

normalmente, seria uma característica do *ethos* feminino, seria atuado pelos homens (p. 244).

Sua análise tomou como elemento central a relação existente entre o ego, i.e., o *laua*, e seu tio materno (*wau*), normalmente o classificatório, que se comporta, durante o *naven*, como mãe e esposa do *laua*. Assim, o ritual serve como contexto para determinar a identificação da relação avuncular classificatória e, conseqüentemente, o reforço de um tipo particular de aliança. O *naven* fortalece os laços de afinidade, impedindo uma cisão da comunidade (p.143). Seu aspecto sistêmico era o de pôr em comunicação, religar aquilo ou aqueles que tendiam a se separar; era o de compensar ou controlar as relações que, se não balanceadas, levavam a fissão social (p.33). Desse modo, o autor adotou uma perspectiva sincrônica e dinâmica, em que a integração da sociedade era um determinado estado de equilíbrio entre tendências agregadoras e desagregadoras; era um fenômeno de comunicação (p. 35).

Bateson estava preocupado em entender essas diferenciações, expressas tanto nos diferentes *ethos* sexuais quanto nas posições de parentesco. Logo, tratou os processos de diferenciações como cismogênese, para a qual sugeriu a seguinte definição: “um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual, resultante da interação cumulativa dos indivíduos” (p.223). Pode-se reconhecer a cismogênese em três aspectos diferentes da cultura: no *ethos*, no *eidós* e na sociologia (p.306). Ele diferenciou a cismogênese em dois tipos: complementar – na qual o grupo divergente mantém doutrinas antagônicas àquelas do grupo original – e simétrica – na qual os dois grupos resultantes têm a mesma doutrina, mas se distinguem e competem entre si.

A cismogênese complementar poderia ser observada, por exemplo, na diferenciação entre os sexos e no ato de humilhação do *wau* em relação ao *laua*, entre outros. A cismogênese simétrica ocorreria, por sua vez, na iniciação, quando as metades iniciatórias rivais competiam uma contra a outra. *Naven* e a cultura *Iatmul* serviram como esboço para análises comparativas do autor. E a cismogênese foi expandida para outros contextos, tais como: entre casais, em situações de contato cultural e na política internacional.

Na segunda edição da obra, o autor agregou conceitos da cibernética e da teoria da comunicação ao seu segundo epílogo, reformulando suas posições teóricas anteriores à luz de discussões científicas modernas. Assim, passados vinte e um anos da primeira edição, Gregory Bateson elaborou uma releitura de *Naven* trespassada por uma nova

maneira de pensar, e que deu origem a algo como uma teoria geral do processo e da mudança, da adaptação e da patologia (p. 11). Um dos propósitos do segundo epílogo era relacionar o livro com os novos modos de pensamento; o segundo propósito era relacioná-lo com o pensamento corrente no campo da psiquiatria e da psicanálise, especialmente, de abordagens que tratavam dos contextos de aprendizado e do aprendizado de contextos (“aprender a aprender”) (p.30). Percebe-se que o autor não se filiou a nenhuma tendência teórica em voga, mas transitou entre elas – desde as teorias propriamente antropológicas até as teorias científicas intersticiais.

Informado pela cibernética e pela noção de *feedback*, o autor incrementou a análise do *naven* ao inserir a idéia de um sistema circular e corretivo entre os dois tipos de cismogênese. Assim, o cerimonial do *naven*, que era uma caricatura exagerada de um relacionamento sexual complementar entre o *wau* e o *laua*, seria, de fato, deslanchado por um comportamento simétrico de ostentação. Quando o *laua* se vangloriava na presença do *wau*, este recorria ao comportamento *naven*, de forma a balancear o sistema. O elo entre o comportamento simétrico do *laua* e complementar do *wau* era duplamente invertido, pois quando o *laua* tinha uma atitude simétrica, o *wau* respondia, não com uma imposição complementar autoritária, mas com o inverso disso, i.e., uma submissão exagerada. Dessa forma, o excesso de rivalidade simétrica desencadeava um ritual complementar para estabilizar a sociedade (p.319).

Acrescentou, ainda, que a cismogênese dependia de processos de aprendizagem e de formação de caráter, pois o que se aprendeu a partir das características formais ou padrões dos contextos de aprendizagem era a chave para seus hábitos atuais, seu caráter (p.316). Desse modo, a oscilação entre o simétrico e o complementar, retratada anteriormente, seria um mecanismo aprendido pelos indivíduos. E abordou então as questões dos sistemas de conflito e do equilíbrio social de maneira a concluir com sua teoria da cismogênese simétrica e complementar - dois processos geradores de conflito de caracteres opostos (igual *versus* igual; dominante *versus* submisso) que podiam, em circunstâncias específicas, balancearem um ao outro.

Bateson foi criticado por Radcliffe-Brown – para quem *Naven* mais parecia uma espécie de autobiografia intelectual –, e por Malinowski – para quem, conforme sugeriram Michael Houseman e Carlo Severi, deplorava os hábitos teóricos de uma nova geração de antropólogos que arquitetavam novos critérios de interpretação e sujeitavam a realidade da vida humana a manipulações estranhas e alarmantes. Por outro lado, a obra foi recuperada por autores contemporâneos e de orientações diversas,

dentre os quais: George Marcus, James Clifford, Clifford Geertz, Seymour Martin Lipset, Marilyn Strathern, entre outros.

Juliana Affonso Gomes Coelho
Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal de São Carlos
Bolsista FAPESP
jagcoelho@hotmail.com

Recebido em 31/03/2009
Aceito para publicação em 01/04/2009